

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Mez. . . \$500

Avulso 100 rs.

ASSIGNATURAS

INTERIOR

Trim. . \$500

Pagamento adiantado



ORGAM LITTERARIO, DEDICADO AO BELLO SEXO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Proprietario Manoel F. de

ANNO I |

S. Paulo—Domingo, 16 de Janeiro de 1857

N. 4

O LEQUE

S. PAULO, 16 DE JANEIRO.

Educação religiosa

Muito se tem dito sobre este assumpto, e folgamos em reconhecer que as nossas collegas do «Echo das Damas» nada têm poupado na defeza desses principios.

O que mais avultã nesta questão não é, por certo o lado theorico, isto é aquelle a que se prendem os preceitos e axiomas nelle desenvolvido, o lado pratico, que é, para assim dizer, o reflexo do theorico.

Entra a mulher na vida pratica muitas vezes despida de certos conhecimentos, que para nós sã o indispensaveis, mórmente quando se trata daquella que tem de tomar sobre os hombros os arduos deveres de mãe de familia.

Dizem, e com razão, alguns escriptores que a moral christã é um manancial inexgotavel para a educação da mulher.

Como de facto, não ha religião alguma que nos pinte a figura de uma mãe, como a do Golgotha, de nenhum pae, como Abrahão, de nenhum filho, como José, de nenhuma donzella, cheia de heroismo e devotamento como Judith.

Com uma educação vasada nes-

tes moldes, consubstanciada em verdadeiros principios de religião, a mulher sabe enfiar o pé, sabe arrostar a infelicidade, sabe fazer frente até á morte.

Por conseguinte, a emancipação da mulher não deve ser, como alguns insistem, igual a do homem; porque, para mulher a religião é tudo, e sua influencia se manifesta em todos os seus actos, em todos os seus passos.

A mulher sem religião é um impossivel.

O homem póde supportar as exhalações deleterias do orgulho humano, produzindo seitas, produzindo religiões.

A mulher fraca, debil, não resiste a esses embates.

OCTAVIA

A MULHER

(Conclusão)

Que dizemos! não só a Asia as vende, como se vendem as flôres para os regalos dos opulentos, e a Inglaterra as deixa vender nos seus mercados como annuaes de carga, sepão que a propria França, a patria da correezia e do melindre, a terra, em que ellas mais imperam sobre as artes, o gosto, e a socieda-

da, a França mesmalhes oppõe nas suas lãs obediencia e respeito ás vontades de um marido. Da subjeção filial, a unica conhecida pela natureza, lá passam para o captivoiro conjugal! o anel do novado: é o primeiro de um grilhão, muitas vezes insoffivel, e que nenhuma forças lhes poderão quebrar: o nome do seu senhor lhes é para logo imposto, em vez do paterno! é a marca, é o ferrete do dominio! marca indelevel, que sobreviverá ao possnidor: e que só um possuidor novo encobrirá substituindo a esse nome o seu nome, e a tyrania extincua uma segunda tyranta. (*)

Ainda cerceámos o desenhno; ainda enfraquecemos

(*) Com estas reflexões, não pretendemos desapprovar a subordinação das mulheres a seus maridos, nos termos em que a prescrevem os nossos livros sagrados. Só não queremos que esta dependencia se converta em escravidão; que a legitima auctoridade marital degenerere em tyrania. Eva, diz um padre da egreja comentando Genesis, não foi formada da cabeça de Adão, para que não tivesse a presumpção de o querer dominar; nem tão pouco foi formada dos pés do homem, para que por elle não fosse considerada como serva; foi-o de uma costella, afim de que se intendesse que era destinada a ser sua companheira.



Hel duque

as côres do quadro; mas não haverá coração generoso, que ao encaral-o não estremeça.

O Homem Deus redimiu as nações do predomínio romano, do fatalismo, e das paixões divinizadas; sublimou sobretudo os pobres os perseguidos a grã de humanos; e de mais que humanos; a philosophia moderna restituiu a liberdade ao pensamento; a infancia politica, sua filha, desatou o jugo de ferro da cerviz dos povos; e o atirou feito pedaços para o abysmo do passado. A philantropia aboliu a escravidão das povoações negras; á mesma, vae chegando o que é possível de emancipação; asylos e escholâs a convidam a instruir-se; e ao açoite, que d'antes lhe desfolhava os brãos em flôr, succedeu a affabilidade, e os carinhos, tão necessarios aos pequeninos, como o pão. Que dizemos!? até para os irracionaes pullulam na Europa sociedades protectoras! e a mulher!... a mulher nossa mãe, nossa esposa, nossa filha, nossa irmã; a mulher, nossa ama, nossa educadora, nossa economã, nossa enfermeira; a mulher, que nos civilisa, que nos adoça, nos encaminha, nos aconselha, nos acompanha e consola nos trabalhos, nos realça e requinta as alegrias; a mulher, que não vive, que não quer, que não pôde viver senão para nós; que nos soffre e nos perdôa de continuo; a mulher, que é toda amor, e a mais brilhante revelação do céu; a mulher... é ainda escrava! escrava em plena Europa! e em pleno christia-

tianismo! quasi como na Africa e na Asia, sob os influxos do korão! escrava, como na India, como na China, como na Tartaria, como na Turquia, como na Russia, como entre os selvagens errantes, como entre os romanos barbaros; escrava, como sempre, e em toda parte!

A. F. DE CASTILHO.



LETRAS

TE LEMBRAS?

Te lembrás daquella tarde...
Daquella tarde sem par?
Os olhos eu tinha em ti.
E o pensamento a voar...

Tu me disseste baixinho,
Pra que ninguem mais ouvisse:
«Te adoro louca, te amo...
Como... ninguem!» E eu te disse:

«Talvez, oh! doce esperança,
Sincera sejas... eu creio;
Mas... (não te agastes commigo)
Duvido um tanto, receio...»

E tu empallidecendo
As roseas faces, cabiste!
Ergui-te offheto, querida...
E, arrependido e mui triste,

Beije-te as faces, os labios
E os teus cabellos tambem;
Depois sentei-te em meus joelhos...
E assim ficamos, meu bem.

E, como dois passarinhos
Que á sombra da larangeira
De amores choram, e juram
Amarem-se á vida inteira,

Assim nós dois (eu chorando
Por mera desconfiança,
E tu—por eu ser descrente
E ambos nós—por creança)

Jurámos amor ardente...
Amor ardente e sem fim!
Que eu só vivesse por ti,
E tu tambem, só por mim.

S. Paulo—Janeiro—1887.

JOSÉ CANUTO.

ZALINA

(A MANOEL F. DE OLIVEIRA)

Quando de tarde, no jardim sorria
Colhendo flôres com a sua mão pueril,
Oh! era bello ver assim Zalina
Toda entretida no goso infantil!

Era lourinha, tinha os olhos pretos
Palavras ternas e bom coração,
Em suas espadas corriam abertos
Dous trançados que iam ao chão.

Assim então, eu tinha esperança
De ver findado tudo o que previa
Entregue sempre a feliz bonança,

Mas oh! que dôr em mim haveria
Quando soubesse que fatal mudança
Dentro em seu peito já se fazia!

S. Paulo—Dezembro 1886.

J. VIANNA.

BIBLIOTECA HISTORICA E GEOGRAPHICA DE SÃO PAULO

MODAS

JOIAS

Alfinetes ou pregadeiras:—E' o alfinete uma pequena lamina de ouro ou prata, sendo mais usado de filigrana de prata, muitas vezes com a fórma de um insecto.

E' preso por baixo do *ruche* que cerca o collarinho do vestido.

Quando é uma lamina, tem quasi sempre gravada uma phrase de lembrança ou amizade como:

Remember—Forget me not
Souvenir—Amizade—Lembrança, etc.

A respeito destas inscripções, tenho eu uma idéa que não sei se será aceita pela gentil leitora; é a seguinte:

A leitora gravará nesta joia a sua idade.

Depois tomaremos esta idade e a idade que dizem as outras moças ter a leitora, procuraremos a média, que será a idade certa.

Pulseiras:—As pulseiras uzadas hoje, são também de prata com pequenos appendices pendurados, fructas e outros objectos, ou então uma enfiada de campainhas como já tenho visto algumas.

Estas campainhas agitas pelo braço parece muitas vezes o tympano de uma telegraphia.

Tambem se usa a pulseira de coral, assim como

a pulseira de camapheu, e muitas outras, porém, por hoje basta.

FRITZ.

DE ESCALPELLO...

CASSE-TÊTE

E' mania essa muito digna de *reproche* o individuo só querer tratar dos outros, e de si. *nickels*, como dizem os indoutos, e mesmo os doutos

Ha muito que as autobiographias tendem a desapparecer, e, podemos dizel-o sem medo de errar que duas gerações têm passado, ceifando existencias caras e conservando parasitas, sem que ninguem se ache com disposição de tratar de si.

Notem que não metto no rôl o nome do autobiographo *Pafuncio*, porque este, antes mesmo de tratar dos outros, occupa-se de si e de sua cara metade, como elle engraçada, porém imprópriamente a chama.

Eu me levanto para protestar contra este modo de proceder.

Ora, gasto eu algumas columnas do *Leque*, *cace-teando*, e estou no meu posto de honra, á humanidade inteira (quando fallo em humanidade, refiro-me ao bello sexo, e não ao sexo dos tubarões, e por isso, meu termo de via ser antes *mulherdade*,

que guardarei para quando a grammatica do Julio estiver sedica, porque então, nesse caso, poderei ter pretensões a ser um Aristophanes, e serei um innovador ás direitas) despeço de uma hora para a outra dessa vida de massadas, sem que ninguem se lembre de dizer a essa humanidade papalva (dos homens) quem fui, o que fui e para onde fui!

Lá uma vez ou outra um amigo mas cá do intimo, isto é, a quem paguei no *Terraço* (aqui não va *réclame*, porque o *Leque* não traz annuncio do dito) café uma meia duzia de vezes, e a quem forneci cigarros trezentas e tantas duzias de um em um, passa por diante do meu tumulto, coberto pela areia do esquecimento e tartumudeia um *terra sit ei levis*, mais labial que cordial, e com isso fique o *Casse-Tete* biographado!

Não, isso não tem geitô! E' preciso que eu diga ás minhas gentis leitoras—supponho que todas, e principalmente uma a quem conheço, sejam, e a que não fôr que não me leia—que rompo de todo com esses preconceitos, e que não sou rico, porque a *Grande* do Ypiranga, depois de muito massar, nada me trouxe, e porque nem tosão de ouro me eleva ás regiões nobiliarchicas, e porque não tenho por carruagem sino o meu abdomeu,

cujas parêlhas são as mi-nhas fracas gambias : que não escrevo na *Procellaria*, porque dá-me preguiça estudar a grammatica do Julio Ribeiro ; que não escrevo na *Red-mpção*, por-que possuo uma fazenda de negros... fugidos ; que não sou como o *Joãosinho*, do *Domingo* que não co-chieha com os seus leito-res, mas fal-os cochila-rem ; que não sou como o *Old-Nick*, que é muito espirituoso : que não sou finalmente (!), o rapaz me-lhor desta vida, porque sou o

CASSE-TÊTÉ.

→→→→←←←←

NOTÍCIAS

«O LEQUE»

As columnas deste pe-riodico são francas aos escriptos das nossas leito-ras.

Toda correspondencia deve ser dirigida á ladeira da Tabatinguera n. 26.

HOSPEDE

Esteve há dias nesta ca-pital a sra. d. Amelia Couto, proprietaria do «Echo das Damas».

Cumprimtamol a.

Charadas

2-1 Não é particular na musica este homem

1-1 Pede repetição aqui este jogo

3-1 Esta mulher aper-ta este homem

2-1 E' louco na musica este animal.

1-1 Aqui este instru-mento é vestimenta.

1-1-1 Na musica aper-ta este homem

1-2 Ests homem tem o-dio apuelle nome.

1-1 Se é branco anda de luto.

Redondo-1

Quadrado-2

Na forma

Formado.

LOGOGRIPO

Indica estar em pedaços—3, 15, 10, 12, 11.

Indica bem manso ser —12, 10, 8, 2.

Indica ser nm tecido —10, 16, 8, 10, 12.

Indica serio soffrer —16, 8, 10, 15, 8, 12.

Indica uma sciencia,—16, 10, 11, 4, 8, 7, 3, 15, 12.

Indica ser um pomar.—7, 3, 8, 15, 12.

Indica vir de navio —11, 16, 8, 1, 4.

Indica fazer coçar. — 12, 10, 11, 15, 12. x

Indica ser uma faca,—16, 10, 9, 3, 15, 12.

Indica aer instrumento, 10 11, 16, 3, 3, 15, 8, 10, 14, 2

Indica figura ser 12, 8, 16, 13, 6, 2, 11, 16.

Indica divertimento 10, 16, 5, 12.

Indica navio ndio—5, 12, 11, 16, 2.

Indica rico jantar—4, 13, 15, 5, 16, 11, 7.

Indica ser macaquice- 3, 9, 8, 12, 11, 15, 16.

Indica se injuriar—3, 16, 11, 10, 12, 8, 7.

Indica esta palavra

Indica tomem sentido

Indica—pelo assumpto

Indica ser entendido.

J. S.

Tencionamos no pro-ximo numero mimosear as nossas illustradas e amabilissimas leito-ras. com um primor litterario, intitulado «A emancipa-ção da mulher»—lavra da distincta escriptora, Emi-liana de Moraes, resida-nte na cidade de Ubá e a

sidua collaboradora do primeiro jornal feminino brasileiro, o «Echo das Damas». Antecipamos es-ta noticia, afim de que as nossas leitoras, se prepa-rem para receber esse trabalho littera-rio.

